

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

VANESSA MENDONÇA FERNANDES

**A AFETIVIDADE E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO FAMILIAR**

PATOS DE MINAS - MG

2025

VANESSA MENDONÇA FERNANDES

**A AFETIVIDADE E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO FAMILIAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade de Educação – FACED –
Faculdade de Educação da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciatura Plena
em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Iara Vieira
Guimarães

PATOS DE MINAS - MG

2025

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso investiga a importância da afetividade no processo de aprendizagem na Educação Infantil, com ênfase na participação da família como elemento fundamental no desenvolvimento integral da criança. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter bibliográfico, foi construída como um ensaio teórico, como o objetivo compreender de que forma os vínculos afetivos, estabelecidos entre educadores, crianças e familiares, contribuem para a construção de um ambiente escolar acolhedor, seguro e propício à aprendizagem significativa. Os resultados apontam que a afetividade não é apenas uma dimensão emocional complementar, mas sim um fundamento pedagógico essencial, que articula o cuidar e o educar. Evidencia-se ainda que a presença ativa da família favorece o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, especialmente quando há diálogo, escuta e corresponsabilidade entre os agentes envolvidos. No entanto, foram identificados entraves, como a sobrecarga dos docentes, a ausência de políticas institucionais claras e a visão assimétrica de responsabilidades entre escola e família. Conclui-se que práticas pedagógicas sensíveis e colaborativas, fundamentadas na afetividade e na parceria com as famílias, são determinantes para uma educação mais humanizada. Ao reconhecer a criança em sua totalidade e valorizar seus vínculos emocionais e experiências familiares, a escola fortalece seu papel social e ético na formação de sujeitos autônomos e críticos. Este trabalho reforça a necessidade de construir pontes entre os saberes escolares e familiares, promovendo uma educação mais integral, sensível e comprometida com o bem-estar infantil.

Palavras-chave: afetividade; aprendizagem; educação infantil; família; vínculo escolar.

ABSTRACT

This undergraduate thesis investigates the importance of affectivity in the learning process in Early Childhood Education, with an emphasis on family participation as a fundamental element in the holistic development of the child. The research, with a qualitative approach and bibliographic nature, was developed as a theoretical essay aiming to understand how affective bonds established among educators, children, and families contribute to building a welcoming, safe, and conducive environment for meaningful learning. The results indicate that affectivity is not merely a complementary emotional dimension, but rather an essential pedagogical foundation that integrates care and education. It is further evidenced that the active involvement of families supports children's cognitive, emotional, and social development, especially when there is dialogue, active listening, and shared responsibility among the actors involved. However, some challenges were identified, such as teacher overload, the lack of clear institutional policies, and the asymmetrical view of responsibilities between school and family. It is concluded that sensitive and collaborative pedagogical practices, grounded in affectivity and partnership with families, are crucial for a more humanized education. By recognizing the child as a whole and valuing their emotional bonds and family experiences, the school strengthens its social and ethical role in forming autonomous and critical individuals. This study reinforces the need to build bridges between school and family knowledge, promoting a more holistic, sensitive, and committed education focused on child well-being.

Keywords: affectivity; learning; early childhood education; family; school bonding.

1. Introdução

A Educação Infantil é reconhecida como a primeira etapa da Educação Básica e tem um papel essencial na formação integral das crianças, abrangendo aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Essa fase acontece em creches e pré-escolas, ou seja, em instituições públicas ou privadas, com funcionamento não doméstico, que atendem crianças de 0 a 5 anos de idade (BRASIL, 2018). Um de seus principais fundamentos é a união entre o cuidar e o educar, pois não há como separá-los no cotidiano escolar.

Dentro desse cenário, a afetividade se destaca como um dos elementos mais importantes no processo de aprendizagem. Quando uma criança se sente acolhida, segura e respeitada, ela tende a se abrir com mais confiança para aprender e explorar o mundo ao seu redor. Muitos estudos na área da educação mostram que os vínculos afetivos criados entre professores, crianças e suas famílias são fundamentais para fortalecer a autoestima, despertar a curiosidade e contribuir para uma aprendizagem mais significativa e completa.

Além disso, a presença e a participação da família na vida escolar das crianças também são fatores que fazem muita diferença. Quando escola e família caminham juntas, em diálogo e parceria, a criança se desenvolve em ambientes mais harmônicos, seguros e ricos em experiências. No entanto, nem sempre essa parceria acontece de forma fácil. Existem muitos desafios, como a falta de tempo dos responsáveis, a sobrecarga dos professores e até mesmo a dificuldade de comunicação entre os envolvidos.

Diante dessa realidade, esta pesquisa se propôs a investigar de que forma a afetividade, em articulação com a participação familiar, contribui para os processos de socialização e aprendizagem das crianças na Educação Infantil. Para tanto, optou-se pela construção de um ensaio crítico como caminho metodológico, fundamentado na análise de referenciais teóricos que problematizam as dimensões emocionais, relacionais e institucionais da experiência educativa na infância. A seleção e organização das bases teóricas permitiram construir um olhar reflexivo sobre o tema, promovendo conexões entre diferentes autores e perspectivas, com o objetivo de compreender os vínculos afetivos e a corresponsabilidade entre escola e família como fundamentos estruturantes de uma educação humanizadora.

A relevância deste trabalho está na necessidade de ampliar o olhar para práticas educativas mais humanas, que levem em consideração os sentimentos e as necessidades emocionais das crianças. Como aponta Santos (2021), a afetividade oferece segurança emocional, o que possibilita que as crianças interajam, experimentem e aprendam com mais liberdade e significado. Também é importante lembrar que a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, afirma que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família. Isso reforça como é essencial que escola e família estejam juntas nesse processo, formando uma base sólida para a educação das crianças.

A expectativa é que os resultados desta pesquisa possam contribuir tanto para a formação de professores quanto para o fortalecimento das práticas pedagógicas que valorizam o afeto e o diálogo com as famílias. Ao propor uma educação mais acolhedora, sensível e colaborativa, o estudo deseja inspirar práticas que ajudem a formar crianças mais seguras, curiosas e preparadas para as experiencias e desafios do mundo contemporâneo.

2. Afetividade, desenvolvimento e aprendizagem na Educação Infantil

A afetividade tem um papel essencial no desenvolvimento das crianças, influenciando de maneira direta tanto a forma como elas constroem o conhecimento quanto a maneira como se relacionam com o mundo ao seu redor. O Dicionário Michaelis (1994, p. 20) define a afetividade como o “conjunto de fenômenos psíquicos que se revelam na forma de emoções e de sentimentos”. Essa definição mostra o quanto os aspectos emocionais estão presentes em nossas ações e na forma como lidamos com o cotidiano, e isso vale, especialmente, para as crianças em idade escolar.

Quando olhamos para a Educação Infantil, essa compreensão ganha ainda mais força. Afinal, é por meio das emoções que as crianças se conectam com os outros e com o que está sendo proposto na sala de aula. A afetividade, nesse contexto, pode ser considerada um dos pilares mais importantes do desenvolvimento infantil, pois está diretamente ligada à construção de vínculos, à formação de valores e ao fortalecimento das aprendizagens.

No ambiente escolar, quando educadores e crianças estabelecem relações de afeto, cria-se um espaço onde o cuidado, o respeito e a escuta estão presentes. Esse tipo de vínculo oferece à criança segurança emocional e confiança, o que favorece não só seu bem-estar, mas também sua curiosidade e desejo de aprender. Embora o desenvolvimento infantil envolva diversos fatores, a afetividade se apresenta como um ponto de apoio fundamental, pois dá sentido às relações pedagógicas e torna o processo de ensino-aprendizagem mais significativo, acolhedor e completo. Ferrarezi (2023, p. 77) destaca que na concepção o educador francês Henri Wallon (1879-1962)

A afetividade é o ponto de partida para o desenvolvimento da criança e sua evolução parte de uma sociabilidade primitiva para uma individualização psicológica. Assim, a vida afetiva da criança se organiza em contatos com o outro; observa que são as emoções, especificamente, que unem a criança ao meio social; são elas que ampliam os laços que se antecipam à intenção e ao raciocínio.

Na perspectiva de Henri Wallon, a afetividade não deve ser vista como algo secundário no processo de aprendizagem. Pelo contrário, ela ocupa um lugar central, influenciando diretamente a forma como a criança se relaciona com o mundo e absorve novas informações. Em sua teoria do desenvolvimento infantil, Wallon comprehende a

afetividade como uma função psicológica essencial, presente desde os primeiros momentos de vida e profundamente ligada ao desenvolvimento motor e cognitivo. Dessa forma, aprender não se limita a adquirir conteúdos, mas envolve também emoções, sentimentos e vínculos que a criança constrói em suas relações com o ambiente que a cerca.

O primeiro espaço onde esses vínculos afetivos se formam é o ambiente familiar. É dentro da família que a criança começa a compreender valores, normas e comportamentos que influenciarão toda a sua trajetória. Esse convívio íntimo é fundamental para a construção da identidade, pois é por meio das relações com os cuidadores que a criança passa a se reconhecer, a perceber o outro e a desenvolver sua noção de pertencimento ao mundo. Através dessas primeiras interações, ela começa a dar sentido ao que a rodeia, construindo sua visão de mundo com base nas experiências emocionais que vive.

Com o tempo, a escola se torna um novo espaço estruturante para a criança. Na Educação Infantil, principalmente, a sala de aula deve ser um ambiente onde as relações afetivas positivas estejam presentes e fortalecidas. Quando o educador se coloca de forma acolhedora e sensível, oferece à criança um espaço seguro para explorar, aprender e se expressar. Esses laços contribuem para que ela se sinta respeitada, valorizada e motivada a participar ativamente das atividades. Assim, a afetividade se mostra como um fator que favorece tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o emocional, pois cria condições propícias para a aprendizagem.

Nesse mesmo caminho de pensamento, a teoria de Vygotsky também nos ajuda a compreender como o aprendizado acontece por meio das interações sociais. Para ele, o desenvolvimento da criança está diretamente ligado à mediação feita por sujeitos mais experientes, sejam adultos ou colegas. Como destacam Maschio, Saravy e Schroeder (2010, p. 119), “*o desenvolvimento cognitivo das crianças se dá pelas interações em que um ou mais membros mais capazes com relação às práticas e ferramentas intelectuais fornecem o apoio necessário nas mediações das atividades intelectuais*”. Essa ideia dialoga com o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), proposto por Vygotsky, que trata da diferença entre o que a criança já consegue fazer sozinha e o que ela pode alcançar com apoio. Nessa mediação, a afetividade tem um papel fundamental, pois quando há vínculo emocional, o processo de ensino-aprendizagem acontece com mais fluidez e sentido.

Mais do que facilitar o relacionamento entre professor e aluno, a afetividade contribui diretamente para o processo de socialização. Ambientes educativos que valorizam o acolhimento favorecem o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como empatia, autonomia e cooperação. Quando se sente segura e respeitada, a criança se permite participar mais ativamente, expressar suas opiniões, fazer perguntas e se envolver nas descobertas. Isso torna a aprendizagem mais prazerosa, significativa e próxima da realidade vivida por ela.

Dessa forma, tanto a família quanto a escola devem ser compreendidas como espaços de convivência afetiva. O fortalecimento desses laços é essencial não apenas para o aprendizado em si, mas para a formação de sujeitos mais confiantes, autônomos, cidadãos e emocionalmente equilibrados.

A afetividade, enquanto dimensão constitutiva do desenvolvimento infantil, comprehende tanto experiências positivas quanto negativas, influenciando diretamente o modo como a criança se relaciona com o mundo. Quando a criança é envolvida em relações afetivas edificantes no contexto escolar, marcadas pela escuta, pelo acolhimento e pela valorização de sua singularidade, a escola tende a exercer um papel mais significativo em sua trajetória. Nesses contextos, a criança sente-se mais segura para arriscar-se nas descobertas, enfrentar desafios com maior autonomia e reconhecer-se como parte integrante de um grupo, fortalecendo vínculos sociais e sua própria identidade.

Ferrarezi (2023, p. 79) reforça essa ideia ao afirmar que “vê-se que o desenvolvimento da criança dependerá de fatores internos e externos, realizando trocas de experiências num intercâmbio de relações sociais, afetivas e orgânicas”. Essa ideia nos convida a olhar para o processo educativo como algo profundamente ligado às interações humanas. Por isso, reconhecer a afetividade como base da prática pedagógica na Educação Infantil é fundamental para garantir uma educação que respeite a singularidade de cada criança e colabore com seu desenvolvimento integral.

3. O papel da família no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança

A família exerce um papel central no desenvolvimento e na integração social da criança. De modo geral, a chegada de um filho é aguardada com emoção, e os familiares se preparam para receber esse novo ser com amor e cuidado. Após o nascimento, inicia-

se um período de ajustamento, no qual os pais e responsáveis se dedicam a demonstrar afeto por meio de gestos como conversas, carinhos e canções. Essas primeiras trocas são essenciais para a criação de vínculos afetivos entre pais e filhos, oferecendo à criança a segurança emocional necessária para que ela se desenvolva de forma integral.

No entanto, é importante reconhecer que essa experiência não é a mesma para todas as famílias. Existem situações em que a gravidez ocorre de maneira inesperada, gerando sentimentos ambíguos e, muitas vezes, dificultando o fortalecimento do vínculo afetivo nos primeiros meses de vida. Em outros casos, mães solos enfrentam sozinhas a tarefa de cuidar dos filhos, acumulando múltiplas responsabilidades e, frequentemente, sem contar com uma rede de apoio. Há ainda aquelas crianças que crescem em contextos marcados por vulnerabilidades sociais, afetivas e materiais, onde faltam condições básicas para a vivência da parentalidade e do cuidado necessário à infância.

Nessas realidades mais fragilizadas, vínculos afetivos instáveis podem afetar diretamente o desenvolvimento emocional da criança, dificultando a construção de relações de confiança e comprometendo sua socialização. Por isso, é necessário que o poder público, em articulação com instituições educativas, desenvolva políticas intersetoriais que assegurem uma infância protegida, digna e cercada de afeto. Nesse cenário, a escola, especialmente no contexto da Educação Infantil, assume um papel ainda mais significativo, oferecendo acolhimento, escuta e experiências educativas capazes de amenizar, em alguma medida, os impactos causados por contextos familiares desfavoráveis.

Quando a família está presente e participa ativamente da vida da criança de modo promissor e equilibrado, o impacto é visível em seu desenvolvimento e comportamento, especialmente em sua forma de interagir com os outros e de construir vínculos afetivos. A diferença entre uma família envolvida e uma família ausente é sentida, sobretudo, nos ambientes sociais, como a escola. O desenvolvimento infantil não acontece de forma isolada; ele se constrói a partir das interações sociais e emocionais que a criança vivencia com os adultos e demais figuras de referência em seu entorno.

Nesse sentido, pais, avós, responsáveis e cuidadores, independentemente da configuração familiar, são peças-chave na criação de um ambiente propício ao crescimento emocional, social e cognitivo das crianças. Como observam Mainardi e Okamoto (2017, p. 823-824), “é na família que ocorrem os primeiros encontros” com os “outros”, encontros que ajudam a criança a entender o que é ser humano e a se perceber

como parte de um mundo cheio de valores, regras e significados.

Assim, um ambiente familiar acolhedor, seguro e estimulante, tanto afetiva quanto intelectualmente, contribui para que a criança explore o mundo com autonomia e confiança. Ao contrário disso, contextos marcados por instabilidade, negligência, ausência de cuidado ou conflitos constantes podem prejudicar seriamente o desenvolvimento emocional, gerando insegurança, dificuldades de convivência e obstáculos à aprendizagem. Por isso, a qualidade das relações dentro do núcleo familiar influencia diretamente a construção da identidade infantil e a forma como a criança se posiciona no ambiente escolar e social.

A entrada na escola, especialmente na Educação Infantil, representa um momento marcante na vida da criança. Para que essa transição ocorra de maneira positiva, é fundamental que os laços afetivos desenvolvidos em casa sejam preservados e, sempre que possível, reforçados dentro do ambiente escolar. Quando a família demonstra interesse pela rotina escolar e acompanha de perto o que a criança vivencia na escola, isso contribui para sua estabilidade emocional e facilita o processo de adaptação, reduzindo sentimentos de medo, ansiedade e insegurança.

Além disso, a presença da família fortalece a parceria com a escola, criando uma via de comunicação que favorece todo o processo educativo. Essa colaboração pode surgir de atitudes simples, como conversar diariamente com a criança sobre seu dia na escola, participar de atividades escolares ou reconhecer pequenas conquistas. Essas ações reforçam sua autoestima, despertam o prazer em aprender e ajudam a manter sua curiosidade ativa.

Dessa forma, a afetividade nas relações familiares e o contato atento e constante com a criança são elementos fundamentais para garantir seu desenvolvimento integral. Quando há consonância e colaboração entre os espaços de socialização primária (a família) e secundária (a escola), a criança se sente mais segura para aprender, interagir e construir sua própria identidade. Isso demonstra o quanto é essencial que o trabalho educativo valorize e fortaleça a presença da família como uma aliada indispensável no processo de formação das crianças.

4. A colaboração entre escola e família, com foco nas práticas afetivas

A presença da família no processo educativo das crianças é um elemento que influencia diretamente seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. No entanto, apesar de sua importância, estabelecer uma relação convergente entre escola e família ainda é um grande desafio. Em muitos casos, essa construção esbarra em interpretações equivocadas, especialmente quando a responsabilidade é atribuída unilateralmente.

Segundo Oliveira e Marinho-Araújo (2010), é comum que os educadores vejam a escola como um espaço naturalmente aberto à participação das famílias, e que, por isso, a ausência de envolvimento seja interpretada como falta de interesse dos pais ou responsáveis. No entanto, como apontam as autoras, esse olhar acaba por transferir a responsabilidade da formação das crianças para a família, ignorando que a escola também tem um papel ativo nesse processo. Essa postura, como afirmam as autoras, “visa, apenas, culpar a vítima e é uma visão pessimista das relações escola/pais” (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010, p. 15), o que dificulta possíveis avanços na construção de vínculos colaborativo.

A iniciativa para fortalecer a relação entre escola e família pode partir da própria instituição escolar. Isso porque os educadores são os principais responsáveis pelo processo pedagógico e, por isso, têm condições de promover estratégias que incentivem a participação das famílias. Como citam Tancredi e Reali (2001, apud OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010), os profissionais da educação podem assumir essa responsabilidade como parte de sua atuação. Nessa linha, Caetano (2004) alerta que, ao esperar que a aproximação parta exclusivamente da família, a escola corre o risco de provocar sentimentos de insegurança, medo ou até vergonha, especialmente porque os pais não são especialistas em educação. Por isso, cabe à escola criar espaços que sejam acolhedores, acessíveis e que deem sentido à presença das famílias no cotidiano escolar.

Apesar dessa necessidade, ainda é comum que os modelos tradicionais de parceria entre escola e família estejam centrados na figura dos pais, muitas vezes sem o respaldo de políticas institucionais que deem sustentação a essa relação. O modelo de envolvimento parental proposto por Joyce Epstein, citado por Oliveira e Marinho-Araújo (2010), identifica cinco formas principais de participação: apoio nas tarefas escolares, comunicação com a escola, presença em eventos, incentivo ao aprendizado em casa e

participação na gestão escolar. No entanto, como observa Marques (1999), esses modelos ainda concentram a responsabilidade nas famílias, enquanto a escola, muitas vezes, não se compromete verdadeiramente com a manutenção desse vínculo.

Esse desequilíbrio gera tensões. Hernández (1995) aponta que é comum ouvir queixas de professores e gestores sobre a ausência das famílias, mas, ao mesmo tempo, muitos demonstram resistência à participação ativa dos pais no ambiente escolar, por receio de cobranças ou interferências no processo pedagógico. Enquanto a escola restringe os espaços de escuta e participação das famílias, ela se sente autorizada a interferir em questões do âmbito doméstico. Essa contradição escancara a necessidade de repensar as formas de colaboração, com base em respeito mútuo, diálogo aberto e responsabilidade compartilhada.

Construir uma parceria genuína entre escola e família exige, acima de tudo, o investimento em práticas institucionais que estimulem o diálogo e a escuta. Reuniões com caráter formativo, rodas de conversa, oficinas temáticas, eventos culturais e outras ações colaborativas podem criar oportunidades reais para o fortalecimento dessa relação. O professor, nesse processo, passa a atuar como mediador do vínculo entre a escola e a família, promovendo uma comunicação aberta e respeitosa, que pode valorizar tanto os saberes acadêmicos quanto os saberes que vêm da vivência familiar.

Projetos pedagógicos que convidem os familiares a participarem diretamente do processo educativo também têm mostrado resultados positivos. Atividades como leitura compartilhada, oficinas criativas e ações comunitárias ampliam as possibilidades de diálogo entre os diferentes espaços de aprendizagem. Quando a afetividade está presente nessas iniciativas de forma intencional, ela se torna o elo que aproxima e fortalece os laços entre escola, família e criança.

Pequenos gestos, como o envio de devolutivas positivas sobre o desempenho da criança, o reconhecimento das dificuldades enfrentadas pelas famílias ou a oferta de apoio psicopedagógico, também fazem grande diferença na construção de vínculos. Quando escola e família caminham juntas, de maneira afetiva e colaborativa, é possível superar barreiras como o afastamento, o julgamento e a desconfiança. Em seu lugar, constrói-se uma rede de apoio comprometida com a formação integral das crianças, uma rede onde todos se sentem pertencentes e corresponsáveis pela educação.

A relevância da afetividade, da parceria entre família e escola, e das práticas pedagógicas

acolhedoras que visam ao desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil. Nesse levantamento e analise, foi possivel identificar recorrências temáticas que sustentam e aprofundam a discussão central deste trabalho, a saber: a afetividade como elemento essencial no processo educativo; a influência da família no desenvolvimento emocional e social da criança; e a necessidade de colaboração efetiva entre escola e família para a promoção da aprendizagem significativa.

5. Afetividade e Educação Infantil: entre vínculos, saberes e desafios institucionais

Pensar a afetividade na Educação Infantil é reconhecer que aprender não se limita à aquisição de conteúdos cognitivos formalizados. Aprender, sobretudo nos primeiros anos da vida, é estar implicado em relações — com o outro, com o mundo e consigo mesmo. E essas relações, longe de serem neutras ou mecanicamente estabelecidas, são atravessadas por afetos: sentimentos, emoções, sensibilidades, vínculos e rupturas. O desafio, portanto, não é apenas constatar que a afetividade influencia o processo de aprendizagem, mas compreender criticamente o modo como ela é produzida, mobilizada e, muitas vezes, negligenciada nos espaços escolares.

Na Educação Infantil, onde a construção de vínculos é condição para que a criança se sinta acolhida, segura e reconhecida, o papel da afetividade torna-se ainda mais crucial. Como destaca Corrêa (2024), o afeto interfere diretamente na forma como o sujeito percebe e interage com o mundo. Trata-se de um componente formativo, que influencia o modo como a criança atenta, memoriza, pergunta, hesita ou avança. Nessa mesma linha, Leite (2012, p. 359) é contundente ao afirmar que “afetividade e cognição passam a ser interpretadas como dimensões indissociáveis”, sendo impossível separá-las sem esvaziar o sentido da experiência educativa.

Contudo, é necessário evitar idealizações. A afetividade não é, por natureza, um campo exclusivamente positivo. Ela comporta também contradições, ambiguidades e experiências dolorosas. Relações afetivas deterioradas, negligência emocional, vínculos instáveis — todos esses elementos podem comprometer o desenvolvimento da criança, sobretudo no que diz respeito à construção da confiança, da autonomia e da socialização. Afetividade, portanto, não é sinônimo de afeto positivo, mas sim um campo complexo de relações humanas, onde se produzem significados e marcas psíquicas.

A escola, nesse sentido, não pode se esquivar de seu papel. Ainda que não substitua a função da família, ela se constitui como espaço relacional e simbólico, no qual a afetividade deve ser intencionalmente construída. Como argumenta Leite (2012, p. 360), a afetividade se amplia à medida que o indivíduo se apropria dos processos simbólicos da cultura, o que implica reconhecer que ela também se aprende, se ensina, se vivencia na escola — desde que haja espaço para isso.

Nesse cenário, o papel docente ganha relevo. O professor contemporâneo não é apenas transmissor de saberes sistematizados; é também mediador de experiências

afetivas, éticas e cognitivas. Como ressalta Ribeiro (2010, p. 405), é preciso romper com a ideia de um educador neutro ou tecnicista, assumindo, em seu lugar, um profissional que comprehende a aprendizagem como processo integral, no qual atitudes, valores e afetos devem ser cultivados em diálogo com o conhecimento.

Essa compreensão amplia-se quando se analisa a relação entre escola e família. Oliveira e Marinho-Araújo (2012) apontam que, embora distintas, essas duas instituições são complementares. Enquanto a família introduz a criança no mundo social por meio de valores e afetos fundantes, à escola cabe a mediação dos saberes historicamente produzidos e a ampliação das possibilidades de convivência. Ocorre que essa parceria, embora amplamente defendida, muitas vezes se vê tensionada por desencontros, ausências ou sobrecargas. Ainda assim, quando construída de modo genuíno, pode se tornar instrumento potente de fortalecimento emocional e promoção do sucesso escolar, desde que acompanhada de práticas pedagógicas coerentes e sensíveis.

A afetividade, nesse processo, não pode ser tratada como ornamento ou exigência moral. Ela precisa ser compreendida como uma atitude educativa, uma postura ética e política que informa o cotidiano escolar, atravessa os currículos, molda os modos de ensinar e aprender. Sua banalização ou redução a uma mera obrigação funcional empobrece sua potência formativa. Ao contrário, quando valorizada de forma consciente, ela cria condições para que o espaço escolar se torne um lugar de escuta, pertencimento e transformação.

Portanto, mais do que reconhecer a importância da afetividade, é preciso problematizá-la: quais afetos estamos cultivando nas escolas? Quais relações estamos legitimando ou negligenciando? Quem educa, com quais vínculos, com quais silêncios e presenças? Essas são perguntas que exigem respostas que ultrapassam o discurso técnico e nos convocam a pensar a escola como um território de humanidade — onde o afeto, em suas múltiplas formas, educa tanto quanto o conteúdo.

Considerações Finais

Mais do que um desfecho, estas considerações finais são um convite à continuidade da reflexão. Ao longo deste ensaio, buscamos problematizar a centralidade da afetividade e da participação familiar na Educação Infantil, não como elementos periféricos, mas como fundamentos ético-pedagógicos do processo educativo. O que está em jogo não é apenas o bom desempenho da criança ou a fluidez das interações institucionais, mas a própria concepção de infância que orienta nossas práticas escolares: uma infância reconhecida em sua inteireza, marcada por vínculos, emoções, pertencimento e narrativas familiares.

A afetividade, como aqui defendida, não é um suplemento da pedagogia, mas sim sua substância formadora. Ela atravessa o ato de ensinar, permeia as relações de confiança entre educador e criança, e cria o solo fértil para que o conhecimento floresça. Quando se esvazia a afetividade de seu potencial formativo, reduzindo-a a gestos formais ou obrigações profissionais, corre-se o risco de neutralizar a potência da escola como espaço de escuta, acolhimento e transformação.

A parceria com a família, nesse contexto, exige ser repensada para além do discurso consensual. Não se trata de convocar os responsáveis apenas para reforçar a autoridade escolar, mas de construir com eles uma relação dialógica e corresponsável, na qual seus saberes, valores e experiências tenham lugar. No entanto, sabemos que essa parceria está longe de ser simples. Conflitos, silêncios e desencontros marcam muitas vezes a comunicação entre escola e família, especialmente em realidades de vulnerabilidade social, desconfiança institucional e desigualdade cultural. A superação desses entraves passa pela escuta ativa, pela valorização da diversidade de contextos familiares e pela disposição da escola em rever suas próprias práticas exclucentes.

Reafirmar a importância da afetividade e da participação familiar, portanto, não é um gesto ingênuo. É um posicionamento político-pedagógico que assume que a educação só pode ser verdadeiramente humanizadora quando reconhece a criança em sua complexidade — como sujeito de direitos, de sentimentos, de histórias e de desejos. Na Educação Infantil, onde tantas trajetórias escolares se iniciam, esse reconhecimento é ainda mais urgente. É nesse início que se formam as primeiras imagens da escola, os

primeiros vínculos com o saber, os primeiros sentidos do pertencimento coletivo.

Defender uma escola sensível à afetividade e comprometida com o diálogo com as famílias é, acima de tudo, defender uma ética da educação que coloca a criança no centro, sem reduzi-la ao desempenho ou ao comportamento esperado. É afirmar que, antes de ensinar qualquer conteúdo, é preciso criar laços. E que, sem esses laços, o aprendizado se fragiliza, o vínculo se esvazia e a escola perde sua potência formadora.

Em tempos de desumanização crescente, reafirmar o valor da afetividade e da parceria com a família não é apenas um gesto teórico: é um ato de resistência pedagógica.

Referências

- AFETIVIDADE. In: Dicionário Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1994. p. 20. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portuguesbrasileiro/afetividade/>. Acesso em: 22 jan. 2025.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- CAETANO, L. M. Relação escola e família: uma proposta de parceria. Dialógica, v. 1, n. 1, p. 51-60, 2004.
- CORRÊA, C. G. L. A relação entre afeto e cognição: perspectivas teóricas. Psicologia Escolar e Educacional, v. 28, p. e257346, 2024.
- FERRAREZI, Renata Soares Leal. Um traço e um abraço: afetividade como elemento facilitador da aprendizagem. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 40, n. 121, p. 76-83, abr. 2023. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862023000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 jan. 2025.
- HERNÁNDEZ, A. M. S. A relação escola e família na opinião de seus agentes. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1995.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 20, n. 2, p. 355-368, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2012000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 abr. 2025. <https://doi.org/10.9788/TP2012.2-06>.
- MAINARDI, Sabrina Magossi; OKAMOTO, Mary Yoko. Desenvolvimento das crianças: um olhar sobre o papel da família e o papel da escola na perspectiva dos pais. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 822-839, dez. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682017000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 fev. 2025. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n3p822-839>.
- MARQUES, R. A escola e os pais: como colaborar? Lisboa: Texto Editora, 1999.
- MASCHIO SARAVY, Carla Regina; SCHROEDER, Edson. A dinâmica das interlocuções e a emergência dos significados segundo Vygotsky: análise de um processo de ensino na educação infantil. Ciência Cognitiva, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 100-123, abr. 2010. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000100010. Acesso em: 03 fev. 2025.
- OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A relação família-escola: intersecções e desafios. Estudos de Psicologia (Campinas), Campinas, v. 27, n. 1, p. 99-108, jan./mar. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100012>. Acesso em: 25 fev. 2025.

OLIVEIRA, C. B. E. DE; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 27, n. 1, p. 99–108, jan. 2010.

REALI, A. M. M. R.; TANCREDI, R. M. S. P. Interação escola-famílias: concepções de professores e práticas pedagógicas. In: MIZUKAMI, M. G. N.; REALI, A. M. M. R. (orgs.). *Formação de professores, práticas pedagógicas e escola*. São Carlos: EdUFSCar, 2002. p. 74-98.

RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 27, n. 3, p. 403–412, jul. 2010.

TANCREDI, R. M. S. P.; REALI, A. M. M. R. Visões de professores sobre seus alunos: um estudo na área da educação infantil. In: Reunião Anual da ANPEd, 24., 2001, Caxambu. *Anais* [...]. Caxambu: ANPEd, 2001. Disponível em: <http://www.anped.org.br>. Acesso em: 05 mar. 2025.